

III

ENCONTROS QUE MEXEM COM A GENTE: transformações de duas pesquisas na área de ensino de ciências durante uma mobilidade acadêmica*

*Raíza Padilha Scanavaca
Yonier Alexander Orozco Marín*

Introduzindo uma saudade inevitável

Figura 1 - Dia 01, chegada em Aracaju.



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Esse nosso sorriso na figura 1 resume muito bem nossas sensações e emoções durante o mês de mobilidade acadêmica que nós, Raíza e Yonier, realizamos entre março e abril de 2019 na cidade de Aracaju, e outras cidades do estado de Sergipe pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Federal de Sergipe. Raíza, uma paulista discente do mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina, e Yonier, colombiano, discente do Doutorado do mesmo Programa, relembramos hoje, dois anos depois, com muita saudade dessas nossas vivências e aprendizagens durante esse período.

*DOI – 10.29388/978-65-81417-68-0-f.51-70

Mas essa saudade não se trata de uma simples sensação de dois turistas em qualquer viagem, mas principalmente, do reconhecimento que muitas das vivências, reflexões e experiências vividas nessa experiência mexeram muito conosco, com medos, certezas, com nosso ser, e em termos talvez mais formais, com nossas pesquisas. Nossa tentativa aqui não é fazer um roteiro turístico do que vivemos nessa experiência. Mas especialmente, colocar algumas provocações que essa mobilidade permitiu sobre nós mesmos, e sobre os encaminhamentos de nossos trabalhos acadêmicos na educação científica e como professores. Porém, essas reflexões foram encarnadas em encontros profundos e ricos que tivemos com diversas pessoas, paisagens e contextos, que não podemos fugir de mencionar e descrever.

Seria incoerente não mencionar que o sentimento de saudade não se deve unicamente a um lembrar esse passado, mas também, a uma certa frustração e desânimo próprio da realidade difícil, e por que não, absurda que o Brasil está atravessando. Um país atingindo a marca de quase 500.000 mortes pela péssima administração governamental da pandemia da COVID-19, um verdadeiro genocídio. Sobreviver e ter sanidade mental já parece um grande ato de resistência. A saudade também floresce em nós porque estamos em tempos de ataques diretos à educação, e não sabemos até que ponto, experiências como essas mobilidades serão novamente possíveis no país. Obviamente não só pelo vírus, mas principalmente, pelo projeto de desmonte da educação que está afetando a sociedade como um todo. Hoje, dois anos depois, não sabemos quando essas trocas acontecerão de novo. Mas sabemos que acontecerão, pois, o povo resiste, re-existe e luta! É o que temos!

Queremos aproveitar esta oportunidade de escrita, para escrever sobre o que aprendemos para essa luta nesse período cheio de encontros, amizades e convivências enriquecedoras. O que duas pessoas brancas, estudando na região sul, berço da branquitude e projetos históricos de discriminação racial no Brasil teriam aprendemos quando fomos confrontados com a nossa branquitude em um território como Sergipe? Quanto dessas trocas foram importantes para nutrir nossas pesquisas na educação científica? Raiza focada no papel da educação científica na luta antirracista e indigenista, trabalhando em uma comunidade Guarani Mbya no Morro dos Cavalos na Palhoça em Santa Catarina. Yonier focado no papel da educação científica em formato decolonial para propor, aplicar e sistematizar experiências didáticas em uma escola colombiana. Talvez, em primeiro lugar, deveríamos reconhecer que esses

encontros mudaram alguns rumos de nossas pesquisas, mas mudaram também a nós mesmos.

Mesmo que nossas pesquisas estejam relacionadas, em maior ou menor medida, com o marco teórico político da decolonialidade, na qual existem conceitos importantes como a descolonização do ser (MALDONADO-TORRES, 2007), não temos nos sentido tão à vontade de colocar essas experiências sobre reflexões profundas e transformações de nosso ser em documentos oficiais, como artigos por exemplo. Pois, qual o interesse que pode ter um campo tão cheio de verdade e objetividade como a educação científica na história de vida dos sujeitos e das reflexões sobre si mesmos? Talvez concordemos que na pesquisa da área o comum é falar de algo acontecendo fora, dos outros, das outras, entrevistar outros sujeitos, caracterizar suas práticas e discursos. Mas olhar para a gente? Ainda para falar de transformações e reflexões profundas sobre nós mesmos? Parece uma coisa pouco útil para a área.

Entendemos a chamada e convite deste livro como uma oportunidade para poder falar disso. Pensamos: “É aqui que esse papo vai rolar”. Por isso, organizamos o texto da seguinte maneira: Primeiramente apresentamos um percurso mais descritivo e cronológico das trocas vivenciadas no processo, destacando também as aprendizagens desenvolvidas em cada um desses episódios. Seguidamente, Raiza apresenta algumas reflexões mais próprias e a relação com a sua pesquisa, e em um terceiro momento Yonier apresenta também suas reflexões. Finalmente, apresentamos algumas considerações conjuntas sobre a importância desses processos de mobilidade para a pesquisa da educação em ciências, e para a reflexão e transformação profunda do ser.

Quanto cabe em trinta dias?

Na chegada, fomos recebidos na casa do professor Doutor Edson José Wartha, com um maravilhoso almoço e receptividade de todos de sua família. Fomos convidados para ficar na sua casa, sem a preocupação de achar um aluguel mensal, surpreendidos por tamanho acolhimento. O acolhimento foi o sentimento que nos acompanhou do início ao fim dos dias em Sergipe.

No dia seguinte à chegada, um colega, que fez meses antes a mobilidade em Florianópolis, nos apresentou o campus da Universidade Federal de Sergipe e levou para o centro da cidade conhecer o mercado público e as paisagens locais. E nos primeiros dias tivemos encontros com turmas da graduação de química, em que conversamos sobre nossos

projetos de pesquisa, além de trocarmos informações das grades curriculares e dimensões profissionais das ciências da natureza. Porém, foi a partir de uma reunião de planejamento, feita com vários professores do programa de pós-graduação, que organizamos juntos o calendário de atividades.

Neste calendário estavam as turmas que fomos convidados para dar palestras, os lugares interessantes para conhecer em Sergipe, as datas das reuniões de grupos de pesquisa e os professores encarregados de logísticas. Percebemos a enorme organização dos professores envolvidos na mobilidade, e a dedicação para qualificar a oportunidade da vivência tanto para quem nos recebeu, quanto para nós. Foi a partir do planejamento que começou o turbilhão de experiências. Parecem meses em nossas memórias, mas foram apenas quatro semanas. Dias que interagimos com muitas dimensões da universidade, lugares de Sergipe e também fomos para Salvador, na Bahia.

Entre as várias atividades, participamos de algumas aulas de turmas da graduação e da pós-graduação em que apresentamos nossos projetos de pesquisa e o campo teórico decolonial nos estudos da educação em ciências da natureza. Esses momentos da sala de aula com docentes e discentes foram capazes de consolidar nossa convicção de que o sul do Brasil tem muito a aprender com o nordeste do país. A sociabilidade e os jeitos de ser e expressar, e a riqueza cultural e epistêmica nas salas de aula onde passamos foi surpreendente. Para nós, essa riqueza foi nítida quando percebemos uma maior naturalidade na relação com as diferenças nas trocas que vivemos.

A visita que nos marcou profundamente foi na turma da graduação da licenciatura em biologia regida pela Professora Doutora Alice Pagan, era a aula final da disciplina e foi uma das aulas mais emocionantes que tivemos a oportunidade de contemplar. A turma era extremamente participativa, curiosa, afetuosa, e apaixonada pela professora, que tratava os mesmos com atenção, mas criava um clima descontraído e de estímulo a trocas entre os estudantes. Conversamos sobre nosso projeto de pesquisa, mas também sobre a educação nos estudos da vida. Assistimos uma professora inspiradora ensinando com seu jeito, sua didática, seu conteúdo e também com sua história.

Uma das visitas diferentes em sala de aula foi a que fomos conhecer o campus do município de Lagarto, interior do estado, onde há cursos voltados para a área da saúde. Esse campus tem seu projeto pedagógico diferente, e é estruturado na Aprendizagem Baseada em Problemas e em Metodologias Ativas de Ensino. Existem disciplinas comuns aos

curiosos diferentes, e as aulas seguem uma metodologia distinta do modelo palestra.

Conhecemos uma turma em que pessoas de vários cursos faziam a disciplina. Foi riquíssimo, assistimos a dinâmica da aula, e ao final conversamos sobre a avaliação dos estudantes com a formação incomum aos padrões das universidades. Os estudantes apontaram inúmeras vantagens e alguns problemas. Percebemos que todos conversaram e foram contribuindo uns com os outros nas análises sobre o modelo educacional. Essa conversa nos mostrou que uma das possíveis grandes vantagens da formação no Campus Lagarto é o estímulo da comunicação e das elaborações coletivas.

Figura 2 - Aula no campus da UFS em Lagarto



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Uma das grandes felicidades da mobilidade para nós foi conhecer a Caatinga e as zonas de transição com a Mata Atlântica. Uma vegetação muito bonita, com algumas espécies desconhecidas por nós, e um clima agradável. Fizemos uma viagem de algumas horas até a cidade de Piranhas, município de Alagoas na divisa com Sergipe. Conhecemos, então, o famoso rio São Francisco. O conhecemos no dia em que os noticiários divulgaram a chegada da lama tóxica do crime da barragem de Brumadinho, 22 de março de 2019. Um clima de luto e indignação misturado com alegria e agradecimento de estar naquele lugar maravilhoso.

Figura 3 - Nós nos cânions do rio São Francisco



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Foram muitos os sentimentos vivenciados naquela pequena cidade, cheia de histórias. O município é próximo de onde o Estado matou Lampião e Maria Bonita. Foi nas escadarias da prefeitura antiga da cidade de Piranhas que em 1938 ocorreu a exposição das 11 cabeças degoladas de cangaceiros. Entre eles Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião e sua companheira Maria Gomes de Oliveira, a famosa Maria Bonita. A cidade tem o museu do cangaço na antiga estação ferroviária, um lugar cheio de fotos, roupas, noticiários de jornais antigos, e narrativas contraditórias entre noções heroicas e pejorativas da história do cangaço.

É importante lembrar que o cangaço foi um fenômeno social protagonizado por grupos armados que percorreram o sertão nordestino entre as décadas de 1870 e 1930 fazendo saques em fazendas e cidades como uma estratégia de luta e sobrevivência contra a desigualdade social e pobreza causada pela enorme concentração de terras. Portanto, as narrativas contra e a favor do cangaço são parte das noções ideológicas sobre a propriedade privada, concentração de terras, noções de violência, entre várias discussões possibilitadas pela história intrigante desses guerrilheiros e guerrilheiras.

Pegamos um barco que atravessou o rio e nos levou a um lugar onde havia restaurante e guias para trilhas. Fomos conhecer a gruta do angico, lugar em que a tropa de cangaceiros estava acampada quando foi encontrada, e assim, assassinada. A guia, que era mulher, contou a histó-

ria da perseguição do dia do assassinato e falou sobre noções do cangaço, inclusive sobre a entrada das mulheres e a importância delas em possíveis mudanças no comportamento dos homens no cangaço.

Figura 4 - Grota do angico

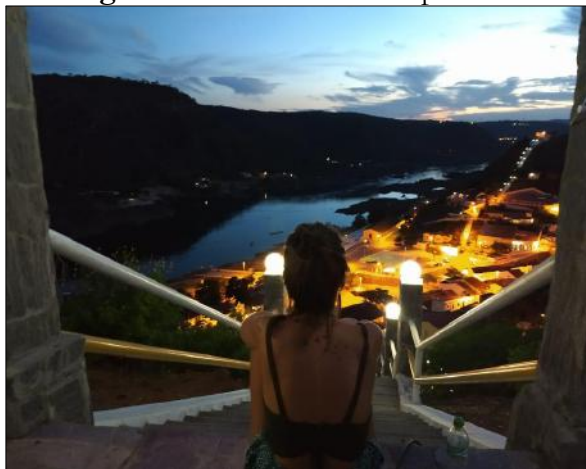


Fonte: Acervo pessoal dos autores

Fazendo a trilha nas margens do rio São Francisco, um clima quente e uma vegetação muito peculiar, pensamos sobre os conhecimentos da caatinga para a sobrevivência dos cangaceiros no sertão no século passado. Conhecimentos sobre frutos para coleta e animais para caça, por exemplo. Imaginamos juntos, uma sequência didática com a temática do cangaço, que interage com a caatinga partindo da sobrevivência e explorando vários conteúdos da biologia e outras disciplinas.

Em meio a ideias e paisagens maravilhosas um sentimento estranho acompanhou nossa passagem pela cidade. Isso porque todos os passeios eram bem pagos, o acesso para aquele turismo que explora, principalmente, a história dos guerrilheiros anti-burgueses, é muito emblemático. Nos parecia que a branquitude rica é o público dos passeios. E são poucos os que lucram com o turismo local. A memória dessas pessoas sendo exploradas e contempladas dessa forma nos causou incômodo. A possibilidade de um turismo de base comunitária nos pareceu massacrada por grandes empresários.

Figura 5 - Fim da tarde em piranhas



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Outro contato forte com a vegetação de Sergipe foi conhecer o Parque Nacional da Serra de Itabaiana no município de Itabaiana. Fomos com uma turma de vários colegas da biologia e pós-graduação. Fizemos horas de trilha em um dia cinzento e quente, com muitas quedas d' água no caminho, momentos de felicidade coletiva em contemplar as paisagens do parque.

Figura 6 - Conhecendo o Parque Nacional da Serra de Itabaiana com colegas



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Quase no final da nossa estadia em Aracaju, as maravilhosas conversas sobre as questões científicas, nossos projetos e debates e as dimensões possíveis na ciência da vida nos motivaram a escrita de um artigo junto com Professora Doutora Alice Pagan, na qual tivemos o enorme privilégio de desfrutar inúmeras conversas. A professora convidou nossa orientadora, a professora Doutora Suzani Cassiani, para a escrita coletiva que se tornou o capítulo de um livro posteriormente.

Com dias em Sergipe, os compromissos, os passeios, as inúmeras conversas entre nós, com os professores e com os colegas, fomos nos encantando com o estado de Sergipe, sua história, seu povo, e a Universidade Federal. Foram muitas histórias, vivências, lugares, e reflexões possibilitadas pela mobilidade na pós-graduação.

Construir um mundo onde caibam muitos mundos: Reflexões de uma paulista do sul ao nordeste

Não conhecia o estado de Sergipe, sou (Raiza) do interior de São Paulo e a geografia da minha escola nunca me trouxe conhecimento sobre as diferenças entre os estados do nordeste. Sabemos que São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo são muito diferentes apesar de ser tudo sudeste, mas parece que tem uma noção uniforme de nordeste, assim como outras regiões, mas talvez em maior medida.

A verdade é que o preconceito regional é nítido em São Paulo, e que a ideia do nordestino é atrelada a pobreza e de sulista a ideia da beleza. Um parâmetro de um senso comum brasileiro atrelado ao racismo e neoliberalismo. Dimensões que podem ser explicadas com o que autores do campo decolonial chamam de colonialismo interno, uma tentativa de conceitualmente observar o desenvolvimento histórico da questão colonial nos Estado-Nacionais do sul global, incluindo assim o Brasil (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969)

Penso na minha infância, e lembro que a escola pode ser um espaço que não ajuda a valorizar e criar curiosidades sobre as diferenças. Ao invés disso, fomenta uma padronização de mentes, de valores, de corpos podendo ser terrível para saúde mental à quem não se encaixa nos padrões indicados, grande parte das pessoas. Além disso, alguns valores são mutantes e ligados à ideia de consumir para ser. A incapacidade de enxergar e valorizar a diversidade Vandana Shiva (2002)

chama de monocultura das mentes, sendo uma ferramenta de poder para controlar as vidas.

Fui aos dezoito anos estudar na capital de Santa Catarina que era, ou talvez ainda seja, um sonho de muitos moradores da minha cidade. Lembro de falas como “pessoas lindas naquele lugar” ou “melhor cidade do Brasil”. Não sei ao certo a escolha naquele momento, o curso de biologia é bem-conceituado, a cidade é litorânea e conhecia poucas pessoas na cidade, mas uma certa romantização, faz ter espaço para uma autocrítica profunda sobre os valores e ideias que criei dentro da minha branquitude, e isso me tocou na ida para Sergipe.

A sorte é que meu senso classista permitiu uma dimensão dos problemas raciais, patriarcais, coloniais e regionais no contexto brasileiro. Não pela sala de aula na graduação ser diferente da escola, mas pelo universo de debates que cabem nos encontros, projetos, movimentos de uma universidade. Morando em Florianópolis e estudando na Universidade Federal de Santa Catarina me aproximei da luta camponesa, me surpreendi com o afastamento dos movimentos camponeses com a luta indígena e quilombola no estado, assim, conheci e passei a contribuir na luta pelas homologações de terras Guarani Mbya.

Uma parceria com a comunidade Guarani do Morro dos Cavalos e a entrada no mestrado em Educação Científica e Tecnológica me motivaram a sonhar com uma ciência e uma escola diferente daquela que conheci na infância ou até mesmo na graduação. Uma ciência e educação penetradas em valores pela vida, pela diversidade, pela biodiversidade, e que valorize e aprenda com os povos originários dessas terras, que hoje chamamos de Brasil.

Porém, são poucas as professoras e pesquisadoras que fazem discussões da educação científica com a questão indígena. A minha orientadora me motivou e acreditou em minha maneira de pesquisar, e me contou de uma Professora Doutora de educação em ciências engajada na luta indígena. Foi também por conta dela a minha mobilidade para Sergipe.

A Professora Doutora Ednéia Tavares Lopes me recebeu e abriu sua vida e história, sendo inspirador conhecê-la. Fui então ao encontro do grupo de pesquisa, na qual todos seus orientandos apresentaram seus projetos terminando em almoço coletivo. Uma frutífera reunião de orientação, com muita conversa e sugestões nos trabalhos uns dos outros. Momento divisor de águas para meu projeto e para conhecer tantos colegas engajados em pesquisas críticas e atreladas a comunidades originárias e tradicionais.

Figura 7 - Reunião grupo de pesquisa



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Uma outra vivência possibilitada pelo encontro com a professora Ednéia, foi ir para o município Porto da Folha em atividade na terra indígena do povo Xokó à beira do rio São Francisco. A atividade era atrelada a um projeto de musicalidade do SENAC que estava marcada fazia um tempo e tinha vagas para a professora Edneia e seu grupo de pesquisa que foi convidado para acompanhar. Fomos com uma turma em micro-ônibus.

Conhecer o povo Xokó em sua terra homologada foi uma experiência que lembrou a maior luta do povo Guarani Mbya, as homologações. Uma realidade que parece distante, mas que vem sendo construída a cada passo e insistência. Foi muito interessante conseguir inclusive conversar com lideranças sobre o Plano de Gestão Territorial e Ambiental da terra Xokó, porque essa ferramenta estava sendo construída por nós na terra indígena do Morro dos Cavalos em Santa Catarina.

Toda a experiência me faz agradecer a possibilidade de transformações profundas em valores, sentidos e pensamentos. Me sinto hoje uma paulista que busca todos os dias quebrar preconceitos internalizados, contribuir em diversidade, nas lutas territoriais, e principalmente em uma educação e uma ciência que construa um mundo onde caibam muitos mundos.

“Se montar”: reflexões sobre medos profundos na constituição de uma pesquisa sobre gênero e sexualidade no ensino de biologia

Escrevo (Yonier) este texto como um exercício de relato sobre vivências e encontros que me geraram reflexões profundas durante o tempo da pesquisa de Doutorado sobre gênero e sexualidade no ensino de biologia. Acontece que nesse processo não consegui me limitar a descrever um objeto ou situação de pesquisa, mas percebi, talvez tardiamente, que muita coisa estava acontecendo em mim. A pesquisa estava mexendo comigo e com o que eu sou, muitas vezes com poucas certezas, mas, na verdade, me colocando diante de reflexões incômodas e que talvez sempre tinha evitado.

Um dos momentos mais frutíferos e desafiantes das reflexões que vivenciei neste processo, foram os diálogos, risadas, questionamentos, debates, enfim, a amizade construída com a Professora Doutora Alice Pagan, pessoa que foi meu principal objetivo conhecer no mês de mobilidade acadêmica que realizei na Universidade Federal de Sergipe, em março-abril 2019. Momentos e conversas geralmente também na companhia da grande amiga Raiza, coautora deste texto. Meu objetivo, naquele momento, era poder me aproximar de discussões e troca de ideias com uma intelectual do campo de ensino de biologia, uma professora trans que trabalha em uma universidade federal na formação de professoras e professores de biologia, tentando estar atento ao que eu poderia aprender, no meu lugar de pesquisador cis. Mas o que eu pensava que poderia ser só uma troca acadêmica, acabou ocasionando questionamentos profundos sobre mim: Por que estou me perguntando algumas coisas na pesquisa da pesquisa e não outras? O que fazer com as inseguranças, medos, de que alguns desses questionamentos me geram? Devo simplesmente ignorar isso que me incomoda? “Deixar pra lá”?

Pois bem, escolhi esta oportunidade de escrita deste capítulo como o momento para me permitir refletir sobre esses momentos e questionamentos. Pode parecer um assunto meramente pessoal, mas adianto que essa reflexão tem sido extremamente pertinente para compreender melhor minha pesquisa, mas também minha formação política e os desafios para superar desigualdades e opressões na sociedade. Vou me referir a dois momentos que gosto de chamar de "episódios" que vivi durante essa mobilidade, e que me “perturbaram”. Esses dois momentos são:

1. “Se montar”: Sobre um vestido nunca usado - Dou esse título a um momento vivenciado durante a mobilidade acadêmica na Universidade Federal de Sergipe. Em uma das tantas conversas com a profa Alice Pagan surgiu a sugestão de que eu deveria “me montar” e sair um dia na rua “vestido de mulher” para sentir na pele um pouco da realidade que atravessam os sujeitos dissidentes das normas sexuais e de gênero, pessoas das quais estava aprendendo na minha tese.
2. Queer ou trabalhador, escolhe aí, as duas não dá - Durante quatro dias aproveitei a proximidade de Aracaju com a cidade de Salvador (Bahia) para ir fazer um curso que seria ofertado na UFBA e que tratava sobre “Antropologia *queer*”. No meio desse curso, achei pertinente questionar o lugar da lacração na política queer, ou a banalização de termos, como revolução, para essa teoria. Fiquei também muito perturbado quando em uma conversa mais informal com o professor do curso, ele me falou que outras bichas/maricas inscritas no curso tinham reclamado de que eu tinha falado “coisas marxistas” e que ele não tinha feito nada para obstaculizar isso. Eu fiquei tipo “Ué! Como assim? Mesmo se for verdade que eu trouxe marxismo, qual o problema? Queer não pode dialogar com isso?”.

Ambos os episódios me deixaram com coceira no corpo e na mente por muito tempo. Porém, ambos, mesmo com sua perturbação, foram muito importantes por condensar na minha vivência e corporalidade reflexões marcantes da minha pesquisa. Começamos pelo primeiro episódio.

“Se montar”: Sobre um vestido nunca usado

Eu sou um marica que por muito tempo viveu no armário. E não me julgo por isso, pois era aquilo que podia fazer para sobreviver no meio de um contexto profundamente violento e homofóbico no qual cresci. Além disso, me faltaram referências sobre o que “eu era”. Nem na minha família, nem nas estradas, matos e plantações que cresci, e muito menos, na escola. Embora, como muitas crianças e adolescentes, não sabia muito bem o que acontecia comigo, sempre soube que hetero não era, mesmo que por muito tempo me esforcei para performar uma heteronormatividade. Não me julgo por isso, me identifico no trabalho de Oliveira (2017) quem destaca que o armário é tempo de resistência,

preparação e sobrevivência para muitas maricas, bichas e afeminadas. Mas hoje é diferente, e já faz uns anos que entendo a necessidade não só de ser aceito pela sociedade, mas principalmente, de ser valorizado pelo que sou e pelo que posso contribuir. Somos potência!

Mas ser, bicha, marica e inclusive afeminada não implica que a gente não usufrui dos benefícios, ou privilégios, da cisgeneridade, de ainda ter a possibilidade de ser reconhecido pela sociedade como sujeito que respeita as normas e formas esperadas de alguém designado como homem ao nascer, inclusive antes.

Trago esses trechos porque foi com essa bagagem que cheguei ao momento de uma conversa informal com a profa Alice e a grande amiga Raiza, no qual foi sugerido que eu deveria me montar, me vestir de mulher e sair na rua para sentir na pele o que vivem as pessoas das quais eu estava me dispondo a aprender. Inicialmente pensei “Bora! Por que não”, acho que vai ser uma experiência de muita aprendizagem. Mas logo percebi que eu tinha ficado mais tranquilo porque o tema não avançou muito, não foi definida uma data ou algo parecido em que isso ia acontecer. Mas nem Raiza, nem Alice esqueceram. E eu segui o jogo, enquanto ia ficando mais incomodado com essa ideia. Nunca me montei, nem para carnaval. Aqui no Brasil pode até parecer até comum homens cis se fantasiar (na brincadeira) de mulher para carnaval, mas na Colômbia, de onde eu venho, não. Então, isso era algo totalmente novo para mim.

Nas conversas íamos pensando o que precisaria ser feito. A peruca, me maquiuar, depilar as pernas, escolher uns sapatos, seriam altos ou baixos? Mas eu ainda não conseguia me sentir confortável, muitas emoções e pensamentos passavam por mim, ao mesmo tempo me perguntava, se eu for para a frente com isto, qual mulher eu gostaria de ser? Espero que a leitora ou leitor entenda que estou falando de pensamentos que me vinham na cabeça no meio dessa tensão, não estou dizendo com isso que ser mulher é uma fantasia. Eram interrogantes que apareciam. Não sentia coragem. Mesmo assim, enrolando (mas não muito) fui um dia com a Raiza em um brechó e comprei o vestido com o qual eu me sentiria mais confortável. Mas ir comprar esse vestido também não foi nada confortável. Eu só pensava “não vou ter coragem, não sou eu”. O vestido era violeta com algumas bolinhas brancas, eu sentia que se ia ser para rolar, não queria parecer tão sexy, queria ser mais “simples”, como sinto que sou dia a dia. Só eu para achar que um vestido morado de bolinhas brancas seria mais simples. Nesse processo eu

também pensava “Por que não consigo falar que não quero fazer isto? Por que não me sinto confortável?”

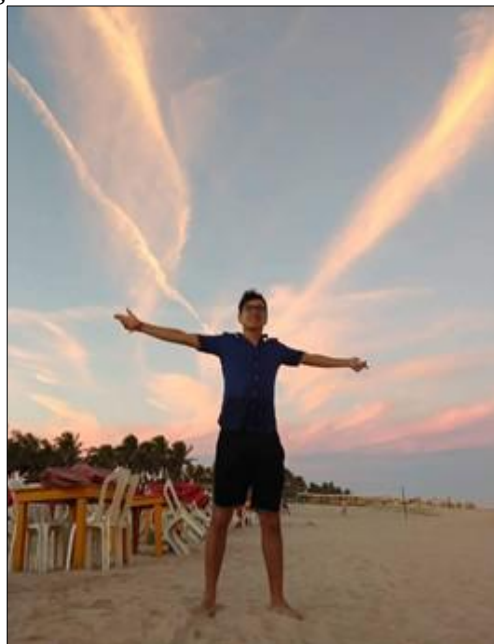
Gostaria de poder dar mais detalhes de como foi se dando o processo, vou deixar vocês curiosos pela falta de espaço aqui e pelo meu conveniente esquecimento. Mas enfim, nunca rolou. Sem detalhes, direi que até comecei a “montagem”, com a esperança de inesperadamente me sentir mais tranquilo. Mas não foi assim, e finalmente com uma ajudinha do tempo desse dia (chuva) e muita enrolação, não aconteceu. Voltei para Florianópolis sem ter passado pela experiência. Mas com muitas perguntas e reflexões.

Algumas perguntas que fazia e ainda faço para mim: Não conseguir me montar é transfobia? Significa que ainda estou em um armário? Se se vestir de mulher é não ser transfóbico os homens cis que se fantasiam no carnaval não são transfóbicos? Foi só covardia? Foi rejeição à feminilidade? Um pesquisador tem que necessariamente sentir na pele as situações que atravessam as pessoas com as quais aprende? A pesquisa fica melhor quando o sujeito passa por esses processos?

Muitas perguntas e ainda poucas respostas. Mas muita reflexão inconclusa ainda me gera lembrar esse momento. Espero não ter passado a impressão de que Alice e Raiza estavam me obrigando a fazer alguma coisa, para nada, essas duas manas incríveis me deram uns dos melhores momentos da vida. Eu que não tive a coragem de falar explicitamente “Vamos parar, acho que não vai dar”. Hoje, olho para esse episódio um pouco mais tranquilo, embora sem resposta definitiva, tenho aprendido e entendido que esse homem que venho construindo também não apareceu do nada, e que foi todo um processo e luta me aceitar como esse homem fofo, medroso, covarde, inseguro em algumas coisas, mais disposto a fazer algumas coisas em espaços mais seguros com as pessoas que me sinto muito bem, um homem que luta por se conectar com seus sentimentos, colocá-los mais pra fora, superar o ódio que por muito tempo senti sobre mim mesmo. Talvez, porque apreender me amar como sou me levou tanto tempo, não consegui me sentir confortável fazendo algo que não sou.

Mas esse momento “perturbador”, tem sido um dos momentos mais lindos de reflexão e de análise de mim mesmo que a vida me presenteou. Embora esse vestido violeta de bolinhas brancas nunca tenha sido usado, muito obrigado Alice e Raiza, pois não me montei, mas acabou vivendo essa experiência (ainda hoje), com todo o corpo e a alma.

Figura 9 - O homem com medo a “*se montar*”



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Queer ou trabalhador, escolhe aí, as duas não dá: Para esse episódio me transporto para a cidade de Salvador. Eu nunca na vida tive a chance de me encontrar com um acarajé, nem sei se posso chamar vida a tudo antes disso. Mas lá rolou, e amei! Mas não foi só isso. Mais uma reflexão profunda me esperou neste lugar. Sabendo que estaria em Aracaju por um mês, fiquei sabendo de um curso na UFBA sobre antropologia *queer*, embora eu não seja antropólogo, e talvez nem *queer* (seja lá o que esse termo possa significar exatamente), pensei que era um espaço no qual poderia aprender elementos para minha pesquisa, e para a vida. Quatro horas de carro separam Aracaju de Salvador, então bora lá. A Raiza, parceira do rolê, embarcou nessa comigo, embora ela não tenha participado do curso. Ela ficou com os B.O. dela em Salvador.

Figura 10 - O trabalhador *Queer* (?) em Salvador



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Cheguei cedo no curso, eu gosto de chegar cedo nos lugares. Ao entrar achei bem legal que me senti em casa, muitas pessoas legais, imagino na sua grande maioria LGBTI+ e assumidas abertamente. O curso começou um pouco tedioso com uma exposição longa sobre os conceitos teóricos da teoria queer. Mas fiquei mais empolgado quando começou uma discussão sobre conceitos como revolução, transgressão e lutas individuais desde a perspectiva queer. Empolgado não significa necessariamente de maneira positiva. Talvez a melhor palavra seja instigado, incomodado, quando o termo revolução se utilizava repetidamente para ações individuais, “minha masturbação é revolucionária” cheguei a escutar. Eu pensava, mas como pode ter uma revolução em um país com tanta fome? O que minha masturbação poderia incidir sobre a realidade material de genocídio do povo negro no Brasil? Sobre as perdas de territórios camponeses e indígenas? Sobre o deslocamento forçado pela violência por grupos armados que muitas pessoas na Colômbia atravessam? Entre elas minha família e eu. Não consegui ficar calado e soltei cada uma dessas perguntas. E talvez o fogo veio quando mencionei “Até que ponto pode ser conveniente que chamemos a lacração de revolução?”.

Imagino que não escolhi as melhores palavras, e teve várias réplicas e um debate acalorado e intenso. Mas até esse ponto considerei que estava sendo produtivo, pois conseguimos discutir o que entendemos por lacração, sua funcionalidade para as lutas LGBTI+, a importância dos estudos de Judith Butler para entender esses debates, entre outras coisas. Enfim, sentia que explicitar essas perguntas tinha contribuído a levar um debate que tinha sido produtivo para uma troca e aprendizagem

coletiva. Até aí "tudo bem". Minha surpresa veio depois, quando terminado o curso saímos para almoçar com várias pessoas do curso, mas algumas não se juntaram, pensei que era coisa de outros compromissos.

O professor, se aproximou de mim para falar que uma grande parte da turma tinha se aproximado a conversar com ele, lhe dizer que estavam profundamente incomodados porque eu tinha trazido marxismo para o curso para deslegitimar a teoria *queer*, e que tinham ficado mais indignados ainda porque o professor não fez nada diante desse episódio para me impedir. Que eu me lembre nem mencionei Marx na aula, inclusive, porque para esse momento (admito com vergonha) nunca tinha tido a chance de ler diretamente o Marx. Mas, pelo menos, esse episódio me serviu para ir atrás e ler algumas obras dele e tentar entender duas coisas:

- Porque questionar ou querer problematizar questões estruturais como a situação da classe trabalhadora, as perdas de territórios por comunidades indígenas, a violência de grupos armados na Colômbia, entre outros, parece algo tão distante das discussões na teoria queer?
- Para poder incursionar em alguns fundamentos da teoria queer para pensar minha pesquisa sobre gênero e sexualidade no ensino de biologia eu deveria me esquecer da realidade que me cerca e que cerca outras tantas pessoas, inclusive às populações LGBTI racializadas e pobres?

São questionamentos que ainda me acompanham. Nesse momento aquilo foi inesperado, mas logo percebi que de fato há essa tensão constante nos estudos de gênero e sexualidade no campo de ensino. Estudos que têm sido estruturados especialmente desde teorias da desconstrução, das narrativas, discursivas, epistêmicas, das linguagens. Abordar questões mais macro como modos de produção econômica e como esses modos organizam profundamente nossas existências parece algo pouco discutido, inclusive, evitado. Com o movimento na minha pesquisa em uma perspectiva anticolonial e decolonial (que implica necessariamente assumir explicitamente o combate ao racismo na sua dimensão estrutural e econômica) essa tensão tem ido crescendo. Evidentemente ainda não conseguí resolver esse B.O. mas gerar esse questionamento, que ainda me persegue, foi uma coisa bem importante da visita a Salvador. Como venho insistindo, terras para reflexões profundas.

Considerações conjuntas.

Esses relatos são uma pequena fração da potência causada por mobilidades acadêmicas dentro dos programas de pós-graduação, gostaríamos de enfatizar essa potência visto que a cada dia investimentos em ciência e educação são cortados no país. São investimentos que deixam de fazer as nossas pesquisas ficarem mais potentes para a realidade brasileira. Nós enquanto trabalhadores da educação e pesquisadores dessa área, precisamos da ampliação às discussões realizadas em diversas partes de um país em dimensões continentais como o Brasil, por isso a mobilidade acadêmica é uma das formas que contribuem para a qualidade das nossas pesquisas e nossa atuação profissional.

Para nós a mobilidade, mesmo que curta, foi capaz de ressoar profundamente em nossa subjetividade. Foi capaz de nos colocar em contato direto com as profissionais que travam discussões na área que produzimos nossas pesquisas, qualificando nossas discussões e ampliando nosso conhecimento. Obrigado Sergipe!!! Obrigado Nordeste!!!

Referências

GONZÁLEZ CASANOVA, P. **Sociología de la Explotación**. México: Siglo XXI, 1969.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *Em*: CASTRO-GOMEZ, S.; GROSGOUEL, R. **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.

OLIVEIRA, M. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2017.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente**. São Paulo: Editora Gaia Ltda, 2002.